

## Editorial

### Dossiê: O espaço auto/biográfico na cultura e na extensão universitárias

A vivência inédita de uma pandemia talvez seja uma das experiências coletivas mais pregnantes deste século. Muitas pessoas ao redor do mundo interromperam suas dinâmicas cotidianas para reaprender a existir à distância, mediadas pelos écrans tecnológicos, plataformas, aplicativos para computadores e demais aparelhos eletrônicos. Nesse contexto, a mobilização dos afetos foi de extrema importância para a superação desse grave período de erosão das relações interpessoais, o que acabou estimulando um movimento “para dentro” – das residências, das telas e de si. Diante da finitude da vida humana escancarada pela dimensão planetária de uma doença contagiosa e letal, o medo, a melancolia e a sensação de impotência despertaram reflexões de diversas ordens, inclusive íntimas: ponderar sobre a vida e a morte passou a fazer parte do dia a dia.

Tal momento estimulou novos olhares para as histórias pessoais que revelavam nuances particulares do enfrentamento da situação, histórias contadas em diversas ocasiões, nas redes sociais, na mídia ou nos encontros on-line e que, de alguma forma, apontavam para as estratégias de sobrevivência adotadas pelas pessoas e

grupos em diversos contextos. Que conhecimentos estavam a ser gerados ali, nas soluções emergenciais encontradas por tantas/os profissionais à medida que refletiam sobre os modos de ser e agir neste planeta em meio às crises sanitária, ambiental, social, cultural, econômica e política? Que outros futuros seriam possíveis para as suas práticas num momento pós-pandemia, levando em consideração as múltiplas subjetividades e o que estava sendo aprendido em níveis pessoais e coletivos entre 2020 e 2021? Perguntamo-nos, ainda: De que formas um movimento crítico-reflexivo oriundo de uma maior consciência sobre a relevância dessas experiências poderia, então, já estar influenciando nossas práticas universitárias ligadas ao ensino, pesquisa, cultura e extensão nas universidades, suscitando questionamentos sobre o papel das histórias de vida de sujeitos, grupos e instituições na construção de uma sociedade mais equilibrada daqui para frente?

Nos últimos anos acompanhamos inúmeros ataques ao mundialmente respeitado educador Paulo Freire. Desde a década de 1970, Freire nos alertava sobre os elementos constitutivos da realidade brasileira: a situação de uma sociedade ainda em transição, a persistência de uma mentalidade não crítica diante do mundo e a inexperiência democrática que, juntos, demonstravam que o país deveria buscar a democratização da cultura como marco geral para uma democratização mais ampla. Passados mais de

cinquenta anos, o país ainda se apresenta como uma sociedade em abertura, buscando diálogos mais significativos entre as pessoas, as categorias e os grupos sociais em seus contextos. Continuamos assistindo, em diversas esferas, a sucessivos atos que visam a silenciamentos, mas sabemos que uma sociedade plural só será construída pelas trocas dialógicas, pelo reconhecimento dos saberes localizados, pela diversidade do pensamento e pela convivência respeitosa entre as diferenças.

Neste dossiê, partimos da noção de “espaço auto/biográfico” para lançar perguntas ao campo da extensão e da cultura universitárias, convidando autoras e autores a refletir conosco sobre o papel decisivo das experiências de vida – em âmbitos pessoal e coletivo, íntimo e profissional – neste momento conturbado da nossa história. Como explica Margaret Rago (2013, p. 33), o espaço auto/biográfico pode ser entendido “a partir dos diferentes tipos de narrativas de si, entre memórias, depoimentos, entrevistas, correspondências, diários ou blogs, que permitem cartografar a própria subjetividade”. E longe de ser um lugar para expressões narcisistas, como muitos tendem a pensar quando se deparam com tal tema, reforçamos que o espaço auto/biográfico contemporâneo é tomado aqui a partir das considerações de Leonor Arfuch (2010), levando em conta a multiplicidade de formas e

linguagens que o constitui, bem como suas possibilidades de ordem narrativa e relacional com uma orientação ética na “modelização de hábitos, costumes, sentimentos e práticas, que é constitutiva da ordem social” (ARFUCH, 2010, p. 31).

A partir da escuta ativa das experiências e narrativas oriundas deste período, apostamos na emergência de soluções inovadoras nas esferas da cultura e da extensão para alguns dos problemas que se apresentaram a partir de março de 2020. O conjunto de dez textos compartilhado neste dossiê demonstra a riqueza dos movimentos transformadores entre ensino, pesquisa e extensão no período. Os textos ressaltam a pulsão de vida presente em nossas universidades e comunidades num momento de morte e descaso com a saúde pública e com a educação em nosso país. Destacamos a coragem de estudantes, professoras/es e membros das comunidades que buscaram encontrar caminhos inovadores para os desafios que se apresentaram de forma tão brusca. Os artigos a seguir revelam iniciativas artístico-pedagógicas que nasceram em salas de aula on-line, impulsionadas por narrativas de estudantes e participantes no período do confinamento, alcançando depois outras pessoas através de mostras virtuais e espaços de socialização da pesquisa que, por sua vez, amplificaram os diálogos em tempos de isolamento e, posteriormente, de retorno ao presencial. Outros textos

oferecem contribuições relevantes para o campo da pesquisa (auto)biográfica no contexto da formação de professores, da educação musical, das práticas anticapacitistas e antirracistas, em que a desobediência epistemológica é convocada para que outros conhecimentos oriundos de territorialidades diversas adentrem na universidade, transformando-a.

O conjunto de saberes e reflexões aqui compartilhado nos mostra que, embora vivenciando o período da história recente do país de modo intenso e apaixonado, estávamos distanciadas/os fisicamente. Entretanto, para profissionais comprometidas/os com uma educação de qualidade e com o desafio de respeitar as diferenças num mundo globalizado, a potência de ações extensionistas engajadas contra a fragmentação e a alienação do pensamento são inegáveis. Nesse caminho, observa-se como a cultura, a arte e a educação são fatores essenciais para a aproximação entre os indivíduos e a transformação das relações sociais, considerando as diferentes realidades socioculturais e os fluxos entre as dimensões local e global. Os danos estruturais causados à educação básica no país, agravados neste período, e o persistente descaso com suas/seus profissionais, ressaltam o papel relevante da extensão universitária, da aproximação efetiva entre as universidades e as comunidades locais e suas histórias, numa perspectiva (auto)biográfica que valorize os saberes gerados nos tantos

espaços e territórios existentes. Evidencia-se, portanto, a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no âmago das nossas universidades para que fluxos cada vez mais vivos sejam criados com a sociedade.

Convidamos as leitoras e os leitores a acolherem as reflexões e expressões aqui compartilhadas como estímulos à imaginação e às ações que abram possibilidades para novos mundos a partir de outras narrativas e epistemologias.

**Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues**

Universidade Federal de Goiás (UFG)

**Cláudia Mariza Mattos Brandão**

Universidade Federal de Pelotas (UFPEl)